**ESPAÇO E SUSTENTABILIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES SOCIO-AMBIENTAIS EM
TORNO DA AGRICULTURA URBANA**

**Resumo**

**Ao andar pelas ruas da cidade de Lorena (SP), nota-se a existência de plantas em calçadas, portões, terrenos e quintais. Desvinculando-se da necessidade de imparcialidade, neutralidade e seguindo os caminhos da abordagem socio-histórica, é possível apreender o familiar e natural. O imaginário atravessa as vozes escutadas compartilhando histórias e costumes que permeiam as sensibilidades desses lugares vividos. A interação, o vínculo e a fotografia auxiliam o método de investigação. O intuito da pesquisa é entender o valor afetivo e político do plantar em espaços urbanos. Logo, revela-se que a ambientação do espaço é quase toda responsabilidade de quem o vivencia diariamente, podendo ser incentivada por ações sociais e governamentais. Os sentimentos, a experiência, as relações sociais e terapêuticas tomam forma de jardins, hortas e pomares, sendo fonte de alimento constante. De forma afetiva e literal.**

**Palavras-chave:** Espaço; Socialidade; Ecosofia; Segurança Alimentar; Cotidiano.

**ABSTRACT**

Walking through the streets of the city Lorena (SP), we notice plants on sidewalks, gates and backyards. By disengaging from the need for impartiality, neutrality and following the socio-historical approach it is possible to grasp the familiar and natural. The imaginary goes through the heard voices and tells about the individual and collective customs that comprise the sensibilities of these lived places. Interaction, connections and photography assist in the research method. The purpose of the project is to understand the affective and political value of planting in urban spaces. Therefore, the ambiance of the space is almost all responsibility of those who experience it daily, and can be encouraged by social and governmental actions. Feelings, experience, social and therapeutic relationships take shape in gardens and orchards that present themselves as constant food sources. Being affective and literal.

**Keywords**: Space; Sociability; Sensitive Ecology; Food Safety; Everyday Life.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2012), 84,4% da população brasileira vive em áreas urbanas. Este número absoluto de habitantes urbanos tende a aumentar e o crescimento na demanda por energia e infraestrutura, problemas sociais, econômicos e ambientais também. Entre essas adversidades está a fome.

A humanidade enfrenta dois grandes desafios, um deles é alimentar 9-10 bilhões de pessoas até 2050. O outro é controlar o aumento de temperatura no planeta,em sua maioria, causado pelo atual modo de produção de alimentos. Segundo dados do relatório internacional, “O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2018”, da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2018), 5,2 milhões de pessoas passam fome no Brasil.

Segundo o estudo Estado do Mundo – Inovações que Nutrem o Planeta, do The World Watch Institute –, publicado em 2011, as hortas urbanas são responsáveis por 20% do alimento consumido no mundo, sendo responsáveis pela melhoria de condições de vida de diversos grupos sociais em situação de insegurança alimentar (THE WORLD WATCH INSTITUTE, 2011). Algumas cidades brasileiras, entre elas São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Florianópolis, vêm ganhando destaque com a implantação de hortas comunitárias. Esses espaços funcionam como meios alternativos de produção de alimento em escala local e urbana.

A FAO considera a agricultura urbana uma estratégia vital para a qualidade de vida em países considerados pobres. Mudanças globais costumam levar tempo para serem efetivas. De forma tímida, a agroecologia vem entrando em cena dentro da Agricultura Urbana,principalmente quando se fala em hortas comunitárias. Figuras públicas, movimentos sociais e coletivos vêm levantando a questão diante da produção orgânica e o consumo consciente.

Dentro deste sistema, em níveis locais, o plantio em espaços urbanos possui o desafio de integrar conceitos, metodologias e princípios associados à intervenção humana no ambiente natural. A agricultura urbana tem o intuito de mobilizar e modificar a forma massiva de pensar, enquanto, a agroecolocia afasta-se cada vez mais do uso de agrotóxicos, imitando os comportamentos da própria natureza. Diante deste panorama, esta pesquisa possuiu como enfoque o tipo de relação e ambiência que se dá nos espaços urbanos onde o ato de plantar se concretiza.

1. **DESENVOLVIMENTO**

Espalhadas pela cidade de Lorena existem algumas poucas hortas que funcionam em terrenos privados e outros quintais urbanos. Nem sempre o que se observa nestes quintais é caracterizado pela presença de alimentos. Entretanto, ao andar pelas ruas, observa-se o ato recorrente de cuidado com plantas. O olhar direcionado a este hábito atenta para as nuances que o cotidiano urbano aliado ao natural pode oferecer. As hortas urbanas são grandes possibilidades para o impulsionamento da agricultura familiar na perspectiva de um desenvolvimento sustentável a nível local. Sem levar em consideração o plantio como fonte de renda única ou complementar, as hortas são capazes de ampliar a autonomia e incentivar a segurança alimentar de um núcleo de pessoas.

Segundo Do Rego Monteiro (2006), é responsabilidade da sociedade e do Estado a construção do desenvolvimento local sustentável que tenha como foco conter impactos, promovendo desenvolvimento socioeconômico, sem abandonar questões relativas à preservação ambiental. Tanto a questão alimentícia, quanto a ambiental são urgentes. Refletir sobre possíveis soluções para resolver esse problema, mesmo que em nível micro é essencial para que algum avanço seja efetivado. Cidades já conseguiram incentivar a adesão à agricultura urbana. Entretanto, para que isso ocorra é preciso entender quais fatores estão ligados às relações decorrentes da ação, bem como quais os ambientes de plantio.

Dentro do processo de compreender, regulamentar e incentivar pessoas a se organizarem com intuito de cultivo de alimentos, é imprescindível investigar a nível pessoal o significado dos espaços de plantio. Além, ainda, da necessidade de analisar os aspectos relativos ao hábito de plantar.

O imaginário diz muito sobre os costumes individuais e coletivos. Ele cria vínculos e funciona por meio da interação. Trata-se de um estado de espírito presente em um determinado espaço. Dois dos aspectos relevantes do imaginário ocidental nessa análise constituem-se na separação entre ser humano e meio ambiente, e na formação educacional, que de forma racional, caracteriza a animalidade como barbárie e humanidade como civilidade (MAFESSOLI, 2001).

Pode-se afirmar que existe dentro do imaginário coletivo um "ruído do mundo" pós-moderno que funciona a partir do"desejo de inteireza". A sensibilidade ecológica se apresenta nesse contexto. Ela é difusa, persistente e constantemente negada pelas necessidades de desenvolvimento econômico e financeiro acelerado. De acordo com Mafessoli (2017, p.10), ela está presente e encontra como forma de expressão "as manifestações violentas e a banalidade da vida diária".

Nas diferentes formas de se compreender uma cultura, o cotidiano assume papel fundamental. Captá-lo atravessado pelas luzes e pelas sombras da observação, passa tanto pela subjetividade do observador, como pelo *locus* de onde se observa. Entender esse contexto torna-se um processo intuitivo (MAFESSOLI, 2008). Entre os objetos e a vida cotidiana há uma relação íntima que transborda quaisquer sensibilidades. Elas pairam entre as partículas de ar de cada lugar, que por si só, interagem com o que as cerca.

Partindo do pressuposto que somos seres extremamente visuais e constantemente alimentados por imagens, analisar o olhar sobre o espaço pode indicar reflexões interessantes. Na rapidez em que o mundo se dispersa, é passível de esquecimento que o conceito de “olhar” transcenda o simples movimento externo dos olhos de dirigir-se a algo ou alguém. Ele vai além, sendo responsável por atribuir significados e promover intencionalidades sobre os objetos que compõem trechos da vida habitual (BOSI, 1997).

Quando se pensa no processo de comunicação pós-moderno, nota-se que este é caracterizado pela ideia de que a própria existência se dá quando se é conhecida ou reconhecida pelo olhar do outro. Bosi (1997) distingue duas maneiras de se olhar as coisas. Olhar ativo e o olhar receptivo. Um decodifica significados, enquanto o outro recebe estímulos. Para se enxergar a realidade, é preciso pensar racionalmente, traçar relações e adequar-se à postura de observador ativo. Ou seja, para se analisar o cotidiano é preciso que se consiga enxergar o evidente e o oculto. Neste contexto, é preciso atentar-se para as nuances das relações sociais tecidas organicamente em espaços urbanos de plantio, assim como para as relações existentes entre vivências, atitudes e objetos. Trata-se de notar como o verde de um espaço pode conversar com o cinza de uma cidade e como isso afeta as sensibilidades propostas pela interação humana e ambiental.

Existem diversas formas de se pensar uma abordagem sensível dos espaços. Na perspectiva das sensibilidades urbanas, não se estuda meio ambiente desconsiderando a experiência que ele é capaz de proporcionar. Há duas abordagens essenciais para compreensão deste trabalho. A primeira trata-se da estética ambiental, que está voltada ao papel da natureza nos espaços vividos. A segunda, por sua vez, aborda a estética das ambiências, que tem como enfoque os tons afetivos dos espaços urbanos. Segundo Thibaud (2010), o ser humano está conectado ao mundo no qual ele participa. O sujeito em questão deve ser visto como participante ativo nas situações cotidianas. A liberdade para agir, a possibilidade de uma experiência multi-sensível e a busca pelo envolvimento dos moradores da cidade são características de uma estética ambiental.

Diferenciando-se das demais, a estética das ambiências traz outros pontos de reflexão. O termo ambiências se refere a percepções, que funcionam quase como atmosferas, que perpassam sentidos humanos. É a vida do lugar. Essa abordagem enfatiza a percepção de cada sujeito e o papel das práticas sociais na construção da sensibilidade de determinado ambiente. Dessa forma, permite-se que as tonalidades afetivas apareçam em meio à vida urbana.

Segundo Mafessoli (2010), a natureza, com a pós-modernidade, deixou de ser objeto inerte a ser explorado. Trata-se de uma figura viva dotada do que ele chama de sensibilidade ecológica. Enquanto o pensamento sistematiza tudo, dentro deste conceito, há espaço para que o que é orgânico ressoe e construa-se na fala pessoal e coletiva. Como já dito, cada ser só existe no, e por meio do, olhar do outro. E esse outro pode ser da tribo por afinidade, a alteridade advinda da natureza ou a deidade.

1. METODOLOGIA

Como este trabalho teve como prioridade problematizar os espaços da cidade onde as relações entre as pessoas e o meio ambiente tornam-se mais efetivas, a metodologia percorre um caminho que tenha essa mesma proximidade. Desse modo, os dados – informações e descrições – foram coletados com base no método sócio-histórico que proporciona maior profundidade nas análises. Nessa perspectiva, como salienta Freitas (2003, p. 28.), “pesquisador e pesquisado têm oportunidade para refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa”. Isso contribui para um melhor entendimento dos sujeitos e as relações cotidianas que os permeiam, principalmente, aquelas que os unem a um espaço e dá-lhes um sentido de pertencimento. Para a coleta de informações, a entrevista, também no parâmetro sócio-histórico, foi a ferramenta utilizada. Para Freitas,

A entrevista se constitui como uma relação entre sujeitos, na qual se pesquisa *com* os sujeitos as suas experiências sociais e culturais, compartilhadas com as outras pessoas de seu ambiente. Assim pesquisador e pesquisado passam a ser parceiros de uma experiência dialógica conseguindo se transportarem da linguagem interna de sua percepção para a sua expressividade externa, entrelaçando-se num processo de mútua compreensão. (FREITAS, 2003, p. 36. **Grifo da Autora.**).

As etapas desenvolvidas foram, primeiramente, as leituras necessárias para construção de um corpo teórico que deram base à ida ao campo. Apesar de a pesquisa bibliográfica acontecer constantemente, ela foi de maior intensidade nos primeiros meses. No campo, primeiramente o esforço se concentrou na identificação dos lugares que possuíam hortas ou pomares, quintais, jardins, públicos ou privados. Isso foi a porta de entrada para se chegar aos sujeitos que iriam colaborar com o projeto, através das entrevistas.

De acordo com levantamento feito, não havia hortas comunitárias em Lorena. Com isso, ampliou-se para hortas urbanas e quintais com alimentos. Essa etapa se concentrou em procurar iniciativas coletivas também. As buscas aconteceram por meio de conversas informais com conhecidos e grupos de troca de informações sobre plantio e compra e venda de alimentos. Logo, obteve-se uma lista relativamente grande de indicações de lugares e pessoas.

Como a pesquisa possuía o foco no modelo qualitativo foram escolhidas pessoas em diferentes contextos sociais e culturais para que gerassem material de contribuição mais aprofundado. Selecionou-se, então, 08 nomes, que, ao final, foram reduzidos para 04 entrevistados. Percebendo a dificuldade de abertura da maior parte dos entrevistados, foi modificada a forma de abordagem. Pessoas que eram conhecidos de conhecidos possuíam maior facilidade em se abrir para a pesquisa. Dessa forma, foi necessário o desenvolvimento de vínculo social com as pessoas que iriam ser entrevistadas.

O entrevistado número 01 é recém-formado na faculdade e fazia parte de um projeto que trabalhava com plantio agroflorestal de horta e na reabilitação de dependentes químicos. Não possuía nenhum vínculo social com a pesquisadora. Mesmo o projeto não existindo mais, foi escolhido por conta do envolvimento e proximidade maior com o conceito de horta comunitária na cidade de Lorena.

A entrevistada número 02 está na faculdade, mora em uma república e havia começado uma horta no quintal há três semanas. Foi escolhido por conta do ambiente coletivo em que se encontrava e pelo tempo relativamente curto de contato com plantio.

O entrevistado número 03 é um senhor que possui uma horta orgânica em um terreno arrendado há cerca de três anos e meio na cidade de Lorena. Nesse lugar, ele planta apenas com o intuito de venda e trabalha sozinho. Foi escolhido por conta do aproveitamento de um espaço que poderia ser apenas um terreno baldio.

O entrevistado número 04 é casado e tem um filho de quase 01 ano. Em seu quintal, possui um pomar e uma horta há mais ou menos 01 ano. Entretanto, se envolve com atividades de plantio há mais de 10 anos. Foi escolhido por conta do histórico de experiências tanto coletivas, quanto individuais.

Após serem entrevistados, com exceção do entrevistado número 01, todos colocaram seus olhares pessoais sobre os seus espaços cotidianos por meio da fotografia. Foram tiradas cerca de cinco fotos por pessoa. O entrevistado número 01 escolheu algumas fotos do projeto que foram produzidas em conjunto na época, já que não seria possível gerar novas imagens nesse momento. Cada fotografia foi analisada em conjunto ao que foi dito nas conversas gravadas e não gravadas. Houve um caminho percorrido até que as pessoas se abrissem à gravação. As conversas informais não gravadas continham informações relevantes para análise das perspectivas fotográficas e, portanto, também foram usadas.

1. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em buscas de âmbito observacional e conversas travadas sobre o tema, descobriu-se que na cidade existiam dois pólos para difusão de conceitos agroecológicos. O coletivo “O Despertar do Gigante” e o “Instituto Oikos”. Além disso, há dois parques ambientais:“O Parque Taboão” e a “Floresta Nacional de Lorena”. Todos produziam ações de consciência ambiental, inclusive, atividades relacionadas ao plantio de árvores, à distribuição de mudas frutíferas e nativas e à difusão de alternativas sociais via experiência ambiental.

Durantes as observações diárias dos caminhos feitos pela cidade de Lorena, indo desde a Avenida Peixoto de Castro até os bairros mais periféricos, a presença de plantas era incontestável. Elas saiam pelos portões das residências. Eram maracujás pesando em galhos ao lado de postes de iluminação pública ou folhas de bananeiras emergindo de muros chapiscados. Até mesmo Plantas Alimentícias Não-Convencionais brotavam entre frestas nas calçadas e muros.

Quatro diferentes espaços foram abertos à­­ pesquisa. Quando estabelecida a conexão entre pesquisado e pesquisador era nítido que uma atmosfera de confiança e troca se instaurava no espaço. Ora a pergunta vinha do pesquisador, ora do pesquisado.Pela unicidade de pessoas e entrevistas algumas similaridades foram observadas. Divergências também foram destacadas. Dentre essas observações, dois aspectos se mostraram decorrentes nas análises, são eles: Vivências e Sentimentos; e Relações Sociais e Terapêuticas.

* 1. **Vivências e Sentimentos**

Os sentidos, assim como Thibaud (2017) afirma, consistem em pontos de partida para expressão do morador de uma cidade. O entrevistado número 03 havia saído do estado do Rio de Janeiro desempregado. Chegando à Lorena, gostou da cidade e logo tentou arrendar um terreno. Neste lugar, 03 anos atrás, iniciou-se a horta. Nela, ele produz alimentos orgânicos para venda. Após apresentar a horta inteira, ofereceu todas as frutas e flores comestíveis que tinha disponíveis no espaço. A conversa fluía de forma muito orgânica, ele deixava escapar em muitos momentos que amava aquilo que fazia. E se referia as plantas como "criançada". Quando foi pedido que tirasse 05 fotos do espaço ele falou: E tem como escolher um lugar só? Eu gosto de cada pedaço daqui (ENTREVISTADO 03).

Esse sentimento foi bem parecido com a do entrevistado número 01. Quando pedi que escolhesse 05 fotos, logo respondeu que foram muitas ações e momentos que teriam acontecido durante o projeto, que consistia na reabilitação de dependentes químicos por meio de atividades relacionadas ao plantio agroflorestal. É interessante notar que ambos os entrevistados entendem que a fotografia não abriga o sentimento e sensação daquele espaço. Apenas a memória e o registro. O que confirma a existência de algo maior do que um simples terreno. O projeto não existe mais, mas o centro de reabilitação ainda parece estar desenvolvendo atividades. Na forma como o entrevistado contava sobre as experiências vividas neste lugar, era possível sentir uma certa nostalgia. Havia um sorriso ao falar das partes que mais gostava de participar e um leve desapontamento ao explicar o desfecho do projeto. As dificuldades em se relacionar com espaço sem colaboradores ativos do centro foi um dos empecilhos para a continuidade da ação.

Ao falar sobre o espaço em si, a Entrevistada 02 compartilhou que sempre quis ter um lugar para plantar e colher seu próprio alimento. Quando viu que o quintal da sua república poderia ser útil devido à presença de terra boa, se perguntou: "Por que não?". Fazia 03 semanas que ela havia iniciado sua horta. Segundo a entrevistada, desde então, seu gato passa muito tempo neste lugar. Além disso, também compartilhou que imagina o momento em que ela irá poder colher até seu próprio legume. O espaço é relativamente pequeno. Trata-se de um canteiro. Ao comentar voluntariamente sobre a sua fotografia revelou que o Pé-de-Boldo era espontâneo. Ela nunca havia plantado, mas sempre olhou pra "ele, mesmo que sozinho, com muito carinho".

Os sentimentos relacionados ao espaço também se repetem com o entrevistado 04. Ele era o único que já possuía um vínculo social mais próximo com a pesquisadora, o que facilitou a captação da própria sensibilidade. Essa foi a entrevista mais aprofundada. O entrevistado número 04 planta no quintal da sua futura casa. Só escolheu esse terreno por conta das árvores frutíferas, de mais de dez anos de idade, presentes ali. A casa está em construção. Saindo do zero. Já a horta, está a todo vapor há mais de um ano e meio.

É possível observar o amor e dedicação pelo quintal, que segue a lógica agroecológica, sendo floresta, pomar e horta ao mesmo tempo. Ele conta seus planos de criar um quintal de atividades recreativas para seu filho. Ele vê o seu quintal como "um luxo". O entrevistado compartilhou ainda que quer implantar uma tradição em sua família. Ela inclusive começou em Janeiro. A ideia é que todo início de ano, seja feita uma palmitada com o palmito que sair da sua horta.

Pode-se notar que há um ambiente sensorial construído nestes espaços habitados. É visível que a relação com o espaço em que se planta é importante e responsável por criar significados e relações pessoais. E são elas que fazem com que a ambientação do espaço possa ser criada. Os sentimentos são vistos de formas diferentes. Na maior parte das vezes trazem boas sensações aos conviventes.

* 1. **Relações Sociais e Terapêuticas**

As relações sociais podem ser um fator relevante para permanência do hábito quando ele não parte de dentro e precisa ser aprendido ou desenvolvido. Todos os entrevistados deram contribuições relevantes nesse aspecto. O responsável pela horta urbana e orgânica em Lorena cuida sozinho do terreno. Ele diz que são dois segredos para a implantação de uma horta:

Se não gostar não vai. São dois segredos: gostar e saber fazer. Tem que ser o conjunto junto. É muito bom. Isso aqui é uma terapia pra gente. Muito bom. Bom. Bom. Mas é bom "memo". (ENTREVISTADO 3)

O entrevistado número 01 compartilhou que das pessoas que possuíam dependência química no projeto, apenas cinco estavam dispostas a aprender realmente. Ele afirmou que o engajamento era difícil. A entrevistada número 02 também apresentou esta dificuldade. Como mora em república, existe um convívio social similar ao comunitário. Compartilhou que as pessoas que vivem com ela não ajudam a cuidar da horta. Um ponto interessante dentro dessa dificuldade é que mesmo não ajudando efetivamente, elas dão apoio à implantação, pois concordam com a ideia. Outro fato interessante é que nenhuma das moradoras da república, além dela, experienciou o ato de plantar antes.

A ideia de fazer uma horta no quintal foi potencializada quando a pessoa responsável pelo corte de grama da república comentou várias vezes sobre a qualidade da terra. Ela também contou com o incentivo e ajuda inicial de uma amiga que mora sozinha e que já possuía alimentos plantados em seu apartamento. Quando perguntada sobre o motivo que a impedia de ter uma horta antes, mesmo ela gostando desse contato, a entrevistada respondeu que "não sabia como iniciar" e que "nunca tinha feito sozinha". Esse assunto também foi abordado na entrevista número 04, pelo dono da casa em construção, ele afirma que essa é uma dificuldade passageira porque sempre ganhou mudas de pessoas para plantar em sua casa. Depois passou a investir nisso. Quando pequeno, seu pai plantava na roça onde morava, mas ele não possuía o contato direto. Mais velho, se envolveu em atividades de educação ambiental na cidade de Lorena e acabou aprendendo e tendo a vontade de ter um espaço seu. Ele conta que:

"Meu", é tudo no feeling. Na verdade, alguns eu pesquiso. As frutíferas mais. Eu não entendia muito. Aprendi muito no programa da Regina Casé. Um pé-de-quê? [...] Mas também sempre fui envolvido em muitas atividades de educação ambiental. (ENTREVISTADO 4).

O entrevistado 01, que estava envolvido no projeto, nunca havia experienciado o plantio, mas afirma que a sensação é boa. Compartilha também que:

O que eu gostava muito era a parte da conversa. Você poder estar lado a lado com essa pessoa. Poder escutar o que ela tem a dizer. [...] Compartilhar sentimentos. (ENTREVISTADO 3).

A contrapartida observada, nesse contexto, é que mesmo com todos os benefícios que uma horta pode trazer, conhecimento prévio e incentivo são necessários para que haja continuidade do hábito. Pessoas que nunca tiveram contato podem apresentar dificuldades em manter e, até mesmo, se interessar pelo assunto. Entretanto, existe uma rede de pessoas residentes na cidade que se interessa e já possui esse hábito enraizado. O processo de troca interpessoal, a experiência, no sentido de experimentar, e a convivência associados aos desejos internos e pessoais de cada um, podem ser fatores potenciais para modificação desse panorama. Como diz Thibaud (2010, p. 11), um meio ambiente sensível conta com a integração entre "qualidade de vida dos moradores, estratégias socioeconômicas das cidades e questões ecológicas".

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As modificações da sensibilidade do espaço, para além do indivíduo, são essenciais para compreensão do funcionamento do processo de interiorização de um aprendizado em comum. Nesse sentido, as linguagens e os modelos alternativos de reumanização das pessoas como seres sociais e políticos têm forte relevância para uma mudança efetiva de hábitos arraigados culturalmente e dinâmicas de consumo.

Dentro da afetividade do lugar, comunitário ou privado, borbulham essas sensibilidades, essas linguagens e esses novos modos de relação entre as pessoas e as coisas do lugar.Diante da real possibilidade de se ambientar um espaço ao se trabalhar com o seu valor afetivo, partir de dentro a vontade de ambientar com o verde das plantas o meio urbano pode apresentar diversos significados. Alguns deles podem ser vistos nas fotografias produzidas pelo olhar de cada um dos entrevistados. Dentro de sua própria particularidade, olhar e vivência, os entrevistados se conectam com o espaço de forma única.

Aparentemente, o hábito de plantar exige dedicação, e dentro do que foi observado, há dificuldades na aderência quando nunca se teve contato. Entretanto, existe incentivo vindo de pessoas que passam a conviver ou já possuem certa familiaridade com a ação. Foi possível notar que o plantar pode ser uma ferramenta de reconexão consigo mesmo, com os outros, com experiências já vividas e com novos valores.

Voltar à atenção ao cotidiano pode despertar novas perspectivas. Plantar alimentos torna-se um exercício de desenvolvimento de segurança alimentar, independente se o cultivo é para si ou para o outro. As políticas podem contribuir no intuito de facilitar e ampliar o acesso a esse conhecimento, criando ambientes favoráveis, dando suporte e ferramentas para que esse tipo de segurança alimentar possa acontecer. Mas a ambientação do espaço é quase toda responsabilidade de quem o vivencia cotidianamente.

É preciso estímulo ao conhecimento partindo de políticas públicas e sociais. A qualificação sistemática é uma forma de valorização destes conhecimentos já existentes. Há um longo caminho até que o hábito de plantar extrapole os muros privados e chegue aos terrenos baldios, praças e, até, calçadas. E esse contexto não é inalcançável.

Trabalhar com vínculos sociais e afetividade pode ser difícil, porém, efetivo. As relações que se tecem nesses espaços remetem ao autocuidado e à empatia. Plantar mostrou-se ser mais que um exercício de autonomia. Como diz Eliane Brum (2014),

Nesse espaço de liberdade, como uma criança sem tempo, eu comia flores, mastigava formigas, via louva-a-deus perderem literalmente a cabeça durante a cópula. Não era um jardim, era uma floresta. [...] A vida se dava no descontrole, não nas regras que regiam uma cidade que era o mundo inteiro. [...] O jardim ainda existe em seu lado de dentro. Na sua topografia mais interna ela *[dona do jardim]* sempre será, o animal mais lindo do mundo. (BRUM, 2014, p. 52.**Grifo da Autora.**).

Independente das singularidades entre as vivências aqui partilhadas, nota-se que em um espaço ambientado com significado e humanidade, pode se tornar uma fonte de alimento constante. Seja ela afetiva ou literal. A natureza pode integrar-se à vivência humana. Basta que diariamente uma atitude seja tomada.

**REFERÊNCIAS**

BOSI, ALFREDO. "Fenomenologia do olhar." O olhar. São Paulo: Companhia das Letras. 1988, p. 65-87.

BRUM, Eliane. Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. Arquipélago Editorial Ltda., 2017.

DO REGO MONTEIRO, Juliana Portela. "Hortas comunitárias de Teresina: agricultura urbana e perspectiva de desenvolvimento local". Revista Iberoamericana de Economía Ecológica, v. 5, p. 47-60, 2006.

FAO – Food and Agriculture Organization. "The state of food security and nutrition in the world" 2018. In: http://www.fao.org/3/I9553EN/i9553en.pdf. Acesso em: 02/11/2019.

FREITAS, Maria T. de A.. “A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento”. In: FREITAS, Maria T. de A.; SOUZA, Solange J. e.; KRAMER, Sonia (Orgs.). Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Ed. Cortez, 2003. – (Coleção questões da nossa época; v. 107).

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. In: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_>caracteristicas\_populacao\_domicilios.pdf. Acesso: 02/11/2019

MAFFESOLI, Michel. “Ecosofia: sabedoria da Casa Comum”. In. Rev Famecos (Online). Porto Alegre, v. 24, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2017.

\_\_\_\_\_. “A terra fértil do cotidiano”. In. Revista FAMECOS, PortoAlegre, nº 36,agosto de 2008.Quadrimestral.

THIBAUD,Jean-Paul.“A cidade através dos sentidos”. In. Cadernos PROARQ 18, 2017

THE WORLD WATCH INSTITUTE. "O Estado do Mundo - Inovações que nutrem o Planeta". In: <https://www.akatu.org.br/wp-content/uploads/2017/04/EstadodoMundo2011_portugues.pdf>. Acesso em: 02/11/2019